

POVINELLI, Elizabeth. *Catástrofe ancestral: e existências no liberalismo tardio*. Tradução de Mariana Ruggieri e Mariana Lima. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

Sob a sombra do ancestral: colonialismo, capitalismo e a crise do presente

Under the ancestral shadow: colonialism, capitalism, and the crisis of the present

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Instituto Federal da Paraíba, Monteiro, Paraíba, Brasil

RESUMO

Esta resenha crítica da obra *Catástrofe ancestral: e existências no liberalismo tardio*, de Elizabeth Povinelli, explora a complexidade das crises contemporâneas a partir de uma perspectiva antropológica densa e engajada. O livro propõe que a catástrofe não é um fenômeno inédito, mas uma condição ancestral, cujas raízes remontam ao colonialismo e ao racismo estrutural. Povinelli argumenta que o liberalismo tardio, ao absorver demandas por justiça social e ambiental, não altera sua lógica central de exploração e exclusão, perpetuando violências contra povos subjugados e territórios vulneráveis. A autora fundamenta sua análise na experiência com comunidades aborígenes na Austrália, evidenciando como a existência desses grupos é marcada pela luta cotidiana por sobrevivência e dignidade. O diálogo com teóricos como Arendt, Césaire, Deleuze, Glissant e Guattari permite à autora construir uma crítica que vai além da denúncia, apontando para a necessidade de reconhecer os saberes e práticas dos povos marginalizados como alternativas efetivas de vida. A obra desafia a antropologia a repensar suas bases disciplinares, propondo uma postura ética e política comprometida com a transformação radical das relações entre humanos e não humanos, entre culturas e territórios. Assim, o livro se apresenta como uma referência fundamental para compreender as crises globais e buscar caminhos possíveis para a justiça ecológica e social.

Palavras-chave: Catástrofe ancestral, Liberalismo tardio, Colonialismo, Resistência.

Recebido em 18 de junho de 2025.

Aceito em 7 de julho de 2025.



ABSTRACT

This critical review of the work *Catástrofe ancestral: e existências no liberalismo tardio*, by Elizabeth Povinelli, explores the complexity of contemporary crises from a dense and engaged anthropological perspective. The book proposes that catastrophe is not an unprecedented phenomenon, but an ancestral condition, whose roots go back to colonialism and structural racism. Povinelli argues that late liberalism, by absorbing demands for social and environmental justice, does not change its central logic of exploitation and exclusion, perpetuating violence against subjugated peoples and vulnerable territories. The author bases her analysis on her experience with Aboriginal communities in Australia, highlighting how the existence of these groups is marked by the daily struggle for survival and dignity. The dialogue with theorists such as Arendt, Césaire, Deleuze, Glissant and Guattari allows the author to construct a critique that goes beyond denunciation, pointing to the need to recognize the knowledge and practices of marginalized peoples as effective alternatives for life. The book challenges anthropology to rethink its disciplinary foundations, proposing an ethical and political stance committed to the radical transformation of relations between humans and non-humans, between cultures and territories. Thus, the book presents itself as a fundamental reference for understanding global crises and seeking possible paths towards ecological and social justice.

Keywords: Ancestral catastrophe, Late liberalism, Colonialism, Resistance.

Elizabeth Povinelli, em *Catástrofe ancestral: e existências no liberalismo tardio*, publicado pela Ubu Editora em 2024, oferece uma reflexão que atravessa fronteiras disciplinares, lançando mão da antropologia para descerrar os fios invisíveis que costuram o tecido do capitalismo contemporâneo. Seu olhar, longe de ser apenas descritivo, mergulha nas camadas profundas do tempo, revelando que o que hoje se apresenta como crise inédita é, na verdade, a reatualização de velhas violências, inscritas há séculos nos corpos e territórios de povos subjugados. O livro não se contenta em nomear o mal-estar do presente; ele o situa em uma genealogia de destruição e resistência, cujas raízes alimentam-se do colonialismo e do racismo estrutural.

Povinelli apresenta o conceito de catástrofe ancestral como eixo norteador para a compreensão da persistência dessas violências. Esse termo não se refere a um evento isolado, mas a uma condição permanente, um modo de existência que se impõe sobre certos grupos humanos e não humanos. Ao contrário das narrativas que projetam a catástrofe no futuro, Povinelli mostra que ela já está acontecendo e que seu rastro é antigo, invisível apenas para quem se beneficia do silêncio sobre suas origens. Assim, a catástrofe ancestral é o nome dado à lógica que transforma a vida em algo descartável, a terra em algo a ser explorado e os saberes

tradicionais em algo a ser apropriado ou apagado.

O liberalismo tardio, nesse contexto, é analisado como um sistema paradoxal, capaz de absorver críticas e demandas por justiça, sem nunca renunciar sua estrutura central. A autora demonstra como políticas de inclusão, reconhecimento e cuidado ambiental, aparentemente progressistas, acabam por reforçar a ordem vigente, pois não questionam a lógica da acumulação e da exclusão. O resultado é um cenário em que a violência se renova, disfarçada de avanço civilizatório ou de respeito à diversidade. Povinelli transcende a mera exposição desse mecanismo, desvendando seus mecanismos de funcionamento ao longo de distintas dimensões, que vão do global ao local, atravessando o tempo e revelando, em cada plano, consequências marcadas por desigualdades e pelo recorte racial.

A experiência de campo da autora com comunidades aborígenes na Austrália confere ao livro um caráter visceral. É a partir desse encontro que ela elabora sua crítica, não como observadora distante, mas como alguém implicada nas redes de poder e resistência que atravessam esses territórios. A existência, para Povinelli, não é uma abstração, mas uma experiência concreta, marcada pela luta cotidiana por sobrevivência e dignidade. Ela mostra como a vida desses grupos é constantemente ameaçada, não apenas pela exploração econômica, mas também pela destruição de seus modos de vida, saberes e laços com a terra.

O pensamento da autora dialoga com uma constelação de teóricos, entre os quais se destacam Arendt, Césaire, Deleuze, Glissant e Guattari. Essa interlocução permite a Povinelli construir uma análise que não se limita à denúncia, mas aponta caminhos para a transformação. Ela sugere que a saída para o impasse atual passa pelo reconhecimento dos saberes e práticas dos povos subjugados, não como recursos a serem explorados, mas como alternativas efetivas de vida. Essa perspectiva implica repensar radicalmente as relações entre humanos e não humanos, entre culturas e territórios, entre saber e poder.

Catástrofe ancestral se destaca pela capacidade de articular diferentes escalas de análise, conectando o global e o local, o passado e o presente. A obra demonstra como a catástrofe ancestral se manifesta em diferentes contextos, sempre de forma racializada e desigual, evidenciando a persistência da lógica colonial capitalista. O livro, portanto, é uma referência fundamental para compreender as crises contemporâneas, não como fenômenos isolados, mas como expressões de um processo de longa duração, cujas raízes mergulham fundo no solo do colonialismo.

A dimensão política da obra é inegável. Povinelli não se limita a diagnosticar problemas; ela aponta para a necessidade de ação coletiva e transformação radical, sugerindo que a saída para o atual estado de emergência passa pelo reconhecimento da pluralidade de saberes e práticas que foram historicamente marginalizados, e pela construção de alianças entre diferentes grupos e movimentos sociais. Essa aposta no potencial transformador da diferença implica reconhecer

a agência dos povos subjugados e construir novas formas de coexistência.

A análise de Povinelli sobre a relação entre cultura e natureza é especialmente relevante em um momento em que as fronteiras entre esses domínios se tornam cada vez mais fluidas. Ela demonstra como a violência colonial capitalista não se limita à exploração dos recursos naturais, mas implica também a destruição de modos de vida, saberes e práticas que são inseparáveis dos territórios e dos ecossistemas. Assim, a catástrofe ancestral não é apenas uma crise ambiental, mas uma crise de existência, que afeta tanto humanos quanto não humanos, em uma rede complexa de interdependências.

A obra de Povinelli é uma referência fundamental para a antropologia contemporânea, que se vê desafiada a repensar suas categorias e métodos diante das crises ecológicas, sociais e políticas do presente. A autora propõe uma antropologia engajada, que não se contenta com a mera descrição dos fenômenos, mas que se compromete ativamente com a construção de alternativas éticas e políticas, reconhecendo a centralidade dos saberes e práticas dos povos subjugados. Essa perspectiva implica uma revisão crítica das próprias bases disciplinares da antropologia — que historicamente esteve implicada no projeto colonial — e uma abertura para novos modos de pensar e agir.

A escrita de Povinelli é densa e sofisticada, mas nunca hermética. Ela convida o leitor a percorrer um caminho reflexivo, marcado por incertezas, contradições e possibilidades. O livro não oferece respostas fáceis ou soluções prontas, mas desafia o leitor a repensar suas próprias posições e compromissos. Trata-se, portanto, de uma experiência de pensamento, que interpela tanto o campo acadêmico quanto a sociedade em geral.

A análise da catástrofe ancestral permite compreender melhor as dinâmicas de poder que estruturam as sociedades contemporâneas, revelando como o liberalismo tardio opera como uma máquina de exclusão e exploração, que produz e reproduz desigualdades em diferentes escalas. A autora demonstra como a lógica do sistema permanece inalterada, mesmo diante das demandas por justiça social e ambiental, pois as respostas institucionais acabam por reforçar as estruturas de poder, em vez de desmontá-las. Dessa forma, a análise de Povinelli é uma convocação à vigilância crítica, que implica reconhecer as limitações das respostas institucionais e buscar alternativas radicais.

O diálogo entre teoria e prática é uma das marcas do livro. Povinelli não se limita a analisar o mundo a partir de uma perspectiva distante; ela se coloca como parte do problema e da solução, reconhecendo a necessidade de engajamento ético e político. Essa postura é fundamental para a antropologia contemporânea, que precisa repensar seu papel diante das crises globais. A obra de Povinelli, portanto, não é apenas uma análise crítica do liberalismo tardio, mas um chamado à ação, à reflexão e à transformação.

A catástrofe ancestral, tal como compreendida por Povinelli, é um convite a olhar para

o passado e para o presente com outros olhos, reconhecendo as continuidades e as rupturas que marcam a história dos povos subjugados. Ela mostra que a destruição não é um acidente, mas uma estratégia, e que a resistência não é uma exceção, mas uma condição de existência. O livro, portanto, é uma obra fundamental para quem deseja compreender as raízes profundas das crises contemporâneas e buscar caminhos para a transformação.

A antropologia proposta por Povinelli é uma antropologia do engajamento, que não se contenta com a neutralidade ou com a distância crítica. Ela reconhece o papel ativo do pesquisador na construção de alternativas éticas e políticas e aposta na força transformadora dos saberes e práticas dos povos subjugados. Essa perspectiva implica uma revisão radical das próprias bases disciplinares da antropologia e uma abertura para novos modos de pensar e agir.

Catástrofe ancestral: e existências no liberalismo tardio, portanto, é uma referência indispensável para a antropologia contemporânea, que precisa repensar suas categorias e métodos diante das crises globais. A autora oferece não apenas uma análise crítica do liberalismo tardio, mas também um caminho possível para a transformação, baseado no reconhecimento da pluralidade de saberes e práticas que foram historicamente marginalizados. Trata-se de uma obra que interpela, desafia e inspira, convidando o leitor a repensar suas próprias posições e compromissos.

REFERÊNCIA

1. POVINELLI, Elizabeth **Catástrofe ancestral: e existências no liberalismo tardio**. Tradução de Mariana Ruggieri e de Mariana Lima. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Professor substituto no Instituto Federal da Paraíba. Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5472-8879>. E-mail: awsvasconcelos@gmail.com